

# PABLO GONZALES CASANOVA

*Organizada por Nilda Alves  
Doutora em Ciências da Educação  
Professora titular da Faculdade de Educação/  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

Esta entrevista foi feita no escritório do dr. Gonzales Casanova – professor da Universidade Autônoma do México (Unam) – chamado com o respeito mexicano de “*Dom Pablo*”, em fevereiro de 2001, por Guadalupe Terezinha Bertussi, da Universidade Pedagógica do México, Regina Leite Garcia e Neila Guimarães Alves, da Universidade Federal Fluminense (UFF), e Nilda Alves, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A transcrição foi feita por Daniel Quaranta e a tradução por Marcela Pronko e Cesar Alvarez Campos de Oliveira, a quem agradeço.

**Teias** – Estamos hoje em um momento de grave impasse (político, econômico, ético...). Qual é sua posição frente a esta situação?

**Dom Pablo** – Estamos vivendo em um mundo no qual o domínio do capital corporativo é evidente, fazendo surgir o que foi chamado, por eles mesmos, de política neoliberal, exercida pelas grandes potências, encabeçadas pelos Estados Unidos. Essa política necessita da transferência do excedente dos países periféricos aos países centrais, tendo aumentado, também, no interior de cada país, a transferência do excedente dos assalariados para os não assalariados. Sobre isso, temos um estudo muito amplo que, em parte, publicamos e que vamos publicar em um livro dedicado ao tema. Nessas condições, depois da crise dos países socialistas, encabeçada pela crise da União Soviética, nos encontramos em uma situação em que se poderia pensar que uma nova luta pelo socialismo não teria êxito. Entretanto, ao contrário, isto confirma a tese daqueles que têm pensado que a luta pelo socialismo não vai se dar em um só episódio, ou em somente um ato, mas que será um processo em que, finalmente, se alcançará uma sociedade menos injusta e consideravelmente mais democrática em relação ao que, atualmente, se entende por democracia. Parece-me, então, que aquilo a estudar com muito interesse são as alternativas, as novas alternativas que se estão desenhando diante da grave situação em que vive o mundo, não só do ponto de vista do empobrecimento, como a falta de respeito ao direito internacional, como está acontecendo em muitos casos, como em Kosovo, por exemplo, com esses bombardeios considerados como ações regulares dos norte-americanos e dos ingleses. Frente a essa grave situação, temos que ver quais são as alternativas que vêm sendo criadas no mundo atual, frente às situações que estão levando ao empobrecimento das pessoas e endurecendo os métodos de dominação, tanto quanto as ameaças à própria sobrevivência da humanidade no planeta. Isto não é uma maneira de falar. Todos os especialistas, os mais sérios, o estão dizendo. Mas, muito pouco se vem fazendo para impedir todos os tipos de extermínio: o epistemicídio, o genocídio etc. Ao mesmo tempo, parece-me que estão surgindo, no mundo inteiro e não só na periferia do mundo, movimentos de grande importância que estão colocando em causa, em primeiro lugar, o projeto democrático. Mas estão buscando planejá-lo como um projeto no qual se faça, efetivamente, aquilo que dizia Lincoln: de que a democracia é o poder do povo, para o povo e com o povo. Que esta proposta não seja apenas uma frase retórica e que a levantem os trabalhadores do mundo, os da margem do mundo, os excluídos, é o que começamos a ver. Chegaremos, por este ca-

minho, a uma definição consideravelmente distinta de democracia da que tínhamos até então. A esta deveremos acrescentar outra, que também surgiu de uma revolução, a que fez o povo francês no século XVIII: a de liberdade, igualdade e fraternidade. Pela burguesia ter-se apoderado desse movimento, não quer dizer que esse grito não tenha sido um grito dos povos do mundo e um grito que identifica, ainda hoje, nossa exigência de que qualquer governo alternativo defenda o pluralismo ideológico, o pluralismo religioso, a liberdade de expressão etc, dentro de uma disciplina democrática em que seja possível governar e na qual seja possível planejar uma economia social destinada, fundamentalmente, a satisfazer as necessidades sociais. Estas idéias, acredito, estão aparecendo por todos os lados: em Seattle; aqui, em Lacandona<sup>1</sup> junto ao MST,<sup>2</sup> em todo o Brasil. Estão aparecendo idéias muito originais a respeito nos Andes, no Equador, no Peru. Em todas aparece uma vinculação com o exercício democrático e com o pensamento socialista. Mas a grande ênfase, por parte da maioria dos movimentos, é no pensamento democrático, pela experiência adversa que se teve em toda parte de regimes autoritários, e até mesmo totalitários, que impediram o desenvolvimento do socialismo e que transtornaram todos os propósitos desses movimentos, com sacrifício daqueles que os encabeçaram. Só que se iniciam com uma definição distinta de democracia daquela que se tinha na social-democracia, já que essa foi outra forma de trair o projeto, ao vincular-se, na maior parte dos partidos social-democratas, com as políticas neocoloniais dos países onde existiram. Isso já é, acredito eu, um novo movimento por alternativas, com uma riqueza teórica e prática de como governar, de que carecia a esquerda anterior. Nunca, antes, se tinha tido essa experiência. Agora, em governos locais, governos de grandes cidades, governos estaduais, das províncias, começa-se a se ter outros processos que devemos aproveitar para compreender a existência de contradições, que não se dão somente com as forças do capital monopolista, mas também internamente nos movimentos que se constituem como alternativos. Essas contradições são mais difíceis de se ver, pois geralmente há a tendência para se ocultá-las: alguns pensam que eles sempre são os bons e os demais são os maus. Esta tendência que temos todos, creio que está sendo controlada, em especial, por aqueles que têm tido a experiência de buscar compreender como as contradições surgem naqueles mesmos movimentos que tratam de acabar com aquelas que são mais graves, mais opressivas e mais injustas. Acredito, então, que devemos ver como muito alentadoras as experiências de Cuba, que tem podido resistir a todo esse assédio de quarenta anos, ao bloqueio de que é vítima, liderado pelos Estados Unidos, apesar de estar a poucas milhas do território norte-americano e de contar com apenas 10 a 11 milhões de habitantes. Tem podido resistir pela forma de existir tão articulada entre as forças populares e as governamentais, em um esforço que, acredito, tem sido pouco difundido, de vínculo dialógico muito forte, que está derivando, neste momento, na idéia de um “país-universidade”. Vocês, a quem interessa fundamentalmente o problema pedagógico, devem buscar conhecer este novo projeto que Cuba acaba de lançar, para fazer de todo o país uma universidade. Este é um projeto perfeitamente factível, muito distante da idéia de universidade de massa, e que pode combinar os novos métodos e técnicas de ensino com os métodos tradicionais de diálogo,

---

<sup>1</sup>Referência ao movimento zapatista atual, que se desenvolveu, inicialmente, na Serra Lacandona, no sul do México, na região de Chiapas.

<sup>2</sup>Referência ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (ou Sem-Teto, nos centros urbanos).

de seminário e de pequeno grupo. Isso vai dar ao país níveis educacionais realmente muito altos. Outro, que eu conheço com certa proximidade, é o dos zapatistas no México, que tem feito contribuições importantíssimas a uma teoria da democracia no mundo que inclui as minorias étnicas, com direitos coletivos para as mesmas e que, por outro lado, tem feito uma revolução epistemológica, uma revolução teórica e uma revolução na forma de expressar-se. O discurso político dos zapatistas é um discurso que pode ser qualificado de pós-moderno. Corresponde a um pós-modernismo de tipo radical, e nele sabem fazer uma inserção de narrativas, de contos, da poesia, na racionalidade própria dos discursos tradicionais. Na argumentação se colocam os problemas, se expressam as evidências que existem sobre as experiências passadas e são propostas medidas para alcançar determinadas metas. Eles vão, neste processo, combinando os distintos gêneros de escrever e de falar. E não é um esforço puramente literário: é um enriquecimento da expressão e das palavras que haviam perdido sua força. Vocês têm também no Brasil muito que ensinar ao mundo. É impressionante ver como Paulo Freire se converteu, mais que parte da cultura de um povo, em cultura de muitos povos. E a experiência que vocês têm, que poderíamos chamar de “pedagogia política”, é um exemplo para o mundo inteiro. A isso se acrescenta também, para mim, a importância no planejamento dos orçamentos participativos,<sup>3</sup> que nos permitem estudar, na perspectiva do socialismo democrático, a maneira como amanhã se distribuirá o excedente, de forma democrática. É, portanto, muito importante adquirir essa experiência, a fim de que, em um futuro menos injusto, possamos exercer ou praticar certos ideais que são impossíveis se não há uma cultura prévia de discussão, de representação, como a que vocês têm mostrado. Nessas experiências se vai demonstrando que a participação e a representação não são incompatíveis e que a velha idéia de que a democracia participativa é contrária à democracia representativa é falsa, porque nas reuniões que vocês convocam, como não podem falar todos, cada grupo necessita nomear um representante e esse representante fala em nome do grupo, cuja fala significa o que todos sentem e pensam. Estamos vendo, assim, como se pode combinar a democracia representativa e participativa por meio, dentre outras, da experiência brasileira. Enfim, creio que existem muitos exemplos mais, muitos casos mais – na Índia, na Ásia, na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá – que, em um dia do amanhã, poderemos sistematizar. Porque, agora, estão nascendo junto com o mundo novo que nasce.

**Teias** – Como as universidades poderiam incorporar tudo isso em seus currículos? Ou seja, nas múltiplas atividades que desenvolvem?

**Dom Pablo** – Não sei... talvez devamos recordar os movimentos universitários anteriores. Nesses sempre havia uma atitude criadora. Quando se constituíam em grupos de professores ou de estudantes se colocavam objetivos muito precisos para mudar as instituições em uma direção determinada. Isto se deu em favor da autonomia da universidade, da liberdade de cátedra, de pesquisa, no terreno dos conhecimentos e da atualização do pensamento e do saber humanístico e científico ou tecnológico e artístico. Acredito que esses grupos motores, estes grupos de pioneiros que têm entusiasmo pela mudança, devem constituir-se com objetivos muito claros para precisar suas próprias idéias e para tratar de difundir-las no conjunto das universidades a que pertencem.

---

<sup>3</sup>Referência ao planejamento participativo de orçamentos que vem sendo desenvolvido em uma série de prefeituras, em especial aquelas do Partido dos Trabalhadores (PT).

cem. Só isso. Porque, neste momento, estamos dentro de uma ofensiva do neoliberalismo que busca converter em mercadoria a educação superior. Este projeto está muito avançado e vai consumir fartos recursos da educação pública, da educação superior, com os grandes investimentos que estão fazendo para a formação e para a edição de material didático pelas grandes empresas, que vão fazer das universidades um mercado global. Nessas condições, creio que a luta pela universidade pública vinculada a luta pelos recursos nacionais, pelos recursos sociais, pela propriedade pública e pela propriedade nacional, vai se constituir em uma das grandes lutas que deveremos ter. Estará também vinculada à luta para fazer com que a universidade pública alcance altos níveis no terreno da educação, da pesquisa e de uma difusão da cultura que necessita redefinir-se, porque com os novos métodos e técnicas do sistema aberto de educação, da educação a distância etc., é necessário que utilizemos as chaves das universidades, os jornais das universidades, todos os sistemas de difusão, vinculando-os, também, a projetos pedagógicos. Por outro lado, é necessário que nos coloquemos o problema da atualização dos conhecimentos dos professores, da cultura geral dos professores, porque a transformação que ocorreu no campo das ciências naturais é enorme, tanto como nas ciências sociais: nessas, não podemos seguir pensando como antes da queda do Muro de Berlim, assim como também, nas ciências naturais, não podemos continuar pensando como antes da Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu uma revolução científica de enormes proporções, que certos autores equipararam a que Newton iniciou vários séculos atrás. Não podemos seguir falando da física que aprendemos há 10, 15 ou 20 anos, o mesmo com a química, a biologia etc. É necessário fazer projetos para que atualizemos nossos conhecimentos e uma vez que os atualizemos, ou ao mesmo tempo, ir realizando a transformação dos programas, das pesquisas, tanto quanto dos centros de difusão e expressão da cultura.

**Teias** – A comunicação mudou completamente nos últimos 15 anos. Como o Sr. vê a necessidade da cultura geral frente a tendência aos “especialismos”, dentro de um mundo de tal forma complexo? Como isso repercute na formulação de novos currículos?

**Dom Pablo** – Eu creio que, outra vez, temos uma falsa antinomia entre a cultura geral e a especialização. Temos que recolocar o problema da cultura geral. Quais são, por exemplo, as matemáticas que deve saber qualquer homem culto? Qual é a literatura e a arte de escrever o próprio idioma que devemos aprender com projetos alternativos? Com esses caminhos alternativos que estão sendo feitos, é preciso pensar ou repensar o que é fundamental saber de física e de ciências da vida, de ciências sociais etc. Mas, ao mesmo tempo, é necessário repensar a especialização, continuar pensando na combinação entre cultura geral e especialização, e, nesse sentido, um dos fenômenos mais intensos a que estamos assistindo, e dele participando, já faz mais de cinquenta anos, é a necessidade de acabar com certo tipo de fronteiras entre as disciplinas que já não correspondem ao estado atual da investigação científica em ciências da matéria, em ciências da vida e em ciências sociais. Em muitos casos, essas fronteiras se fizeram para melhorar o saber de um trabalhador intelectual determinado, mas também se fizeram para mutilar, por exemplo, a capacidade de o economista compreender que a economia é um fenômeno social e político, com o qual geraram uma ciência social, ou a assim chamada Ciência Social. A única, aliás entre essas, que recebe o Prêmio Nobel e que é a mais mutilada entre elas. A descoberta dessa mutilação da economia foi muito forte desde a época dos neoclássicos no século XIX, e foi apontada mais e mais junto com a limitação das diversas disciplinas, desde princípios do século XX. Mas as fron-

teiras disciplinares se romperam completamente em meados do século XX, com os novos sistemas complexos, adaptativos, que começaram a desenvolver conhecimentos científicos e tecnológicos, muito vinculados entre si, e que recolocaram o problema das institucionalidades e o da cultura geral. Quanto a isto, precisamos reconhecer, há resistências fortes nas universidades e vencê-las exige um conhecimento prévio de todo o ocorrido, um conhecimento coletivo daqueles que querem mudar a universidade ou defender a universidade. Além disso, exige um planejamento de alternativas universitárias muito precisas, que podem entusiasmar grupos crescentes de universitários, tanto professores como estudantes.

**Teias** – E a idéia de uma Cuba-Universidade? O que tem a ver com tudo isso que o Sr. falou sobre as mudanças, sobre o necessário rompimento das fronteiras, sobre a complexidade e a necessidade de diálogos interdisciplinares ou transdisciplinares, a fim de uma transversalidade das disciplinas? Como isto está posto neste projeto de uma Cuba-Universidade?

**Dom Pablo** – Eu acredito que a idéia de um “país-universidade” é uma idéia que tem andado pela América Latina desde há muito tempo. O que passa é que não temos podido realizá-la e creio que os obstáculos para sua realização são múltiplos. De um lado, está a preocupação com um mercado de trabalho que cada vez é mais limitado e em função do qual se planeja a educação universitária. Isso torna muito difícil que nós, partidários de um sistema de universidade aberta, que abarque toda uma cidade ou todo um país, sejamos aceitos por aqueles que pensam a universidade em função dos limites do mercado. Mas a esse obstáculo se soma o dos grêmios/corporações: os especialistas ficam muito nervosos se um advogado entra no terreno do economista ou se um economista entra no do sociólogo e assim por diante. Há, assim, também problemas de competência, às vezes difíceis de se vencer. Por outro lado, nas próprias universidades existem tradições de faculdades que estão organizadas de acordo com disciplinas e para as quais é muito difícil aceitar o trabalho interdisciplinar. Eu acredito que, primeiro, precisa-se mudar essa necessidade de trabalho interdisciplinar e colocar outra possibilidade, que é a da universidade tradicional, que em seu seio mesmo inclua sistemas da universidade aberta, ou seja, que combine os métodos tradicionais de educação, de pesquisa, transmissão de cultura, com os métodos modernos. Isto existe na Unam e já são muitos milhares de estudantes que estudam assim, mas, de todos os modos, subsistem fortes obstáculos no conjunto nacional. Esses obstáculos se dão em Cuba também, mas em um grau muito menor, de tal modo que o projeto de Cuba de um “país-universidade” pode aumentar e realizar-se em níveis que dificilmente podemos alcançar aqui no México ou em outro país da América Latina. De todos os modos, acredito sim que, inclusive nas condições atuais, nossas universidades têm que se propor a uma combinação dos métodos clássicos de educação com os métodos modernos e não opor o diálogo pessoal ao diálogo pela Internet. Vamos juntar os dois e vamos conversar utilizando os dois. Como disse um comandante zapatista: “quando estamos juntos, somos assembléia, e quando nos separamos, somos rede”.